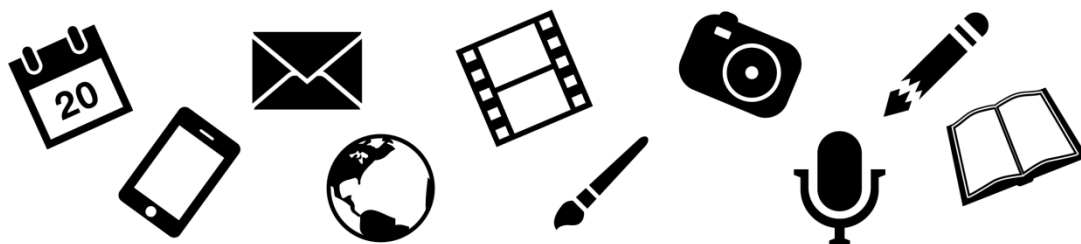




**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

26 de abril de 2014

Diário Catarinense
Cultura
"Universidade bombardeada"

Universidade bombardeada / Jornalista e Ex-diretor / Agência de Comunicação da UFSC / Moacir Loth / Confronto no campus da UFSC / Polícia Federal / Tropa de choque da Polícia Militar / Professor / Estudantes / Universidade Federal de Santa Catarina

Cultura

Universidade bomba

Contra as versões, deve prevalecer a verdade: a UFSC, com 54 anos de história, sobreviverá, não sem cicatrizes, aos ataques

POR MOACIR LOTH *

O conceito da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) não foi arranhado em um milímetro com o ataque covarde e imperdoável cometido no dia 25 de março pelas forças de segurança. Já a imagem da Polícia Federal, ao convocar a tropa de choque da Polícia Militar para atentar contra a vida da comunidade universitária, ficou manchada de sangue. Ao reagir, a UFSC deu exemplo de dignidade ao país e uma demonstração de apreço à democracia.

Fazendo lembrar os piores momentos do golpe militar de 1964, as polícias espancaram e violentaram a comunidade universitária como nunca antes na história desta universidade. Uma "operação fiasco", com pastores farejadores, foi montada e executada no campus Trindade. Policiais paisanos, com veículo descaracterizado e com placas frias, podiam ser confundidos até com sequestradores!

A universidade soube responder legitimamente e, apesar de violada na sua autonomia, defendeu, com insistência, uma saída negociada, honrosa para as partes. Os fatos e a verdade demonstraram claramente que o delegado da PF fez ouvidos moucos e preferiu a barbárie ao apelar para a tropa de choque. Cumpria, dessa forma, um roteiro traçado para um filme de aventura e terror!

Enquanto dialogava, procurando um caminho sem violência, a comunidade universitária foi surpreendida com um ataque cruel, brutal, inimaginável num regime democrático. Bombas, balas de borracha, gás lacrimogêneo, spray de pimenta, cassetes e pastores,

tudo a que polícias desorientadas não deveriam ter direito, foram usados massivamente contra um povo desarmado e dentro de uma universidade pública, num local próximo a uma creche com crianças de zero a seis anos. O delegado só faltou prender a reitora e dar voz de prisão à comunidade universitária. Os excessos resultarão, certamente, em processos.

Autorizados ou obedecendo ordens, não interessa, o fato é que as ações irresponsáveis levadas a cabo no bosque da UFSC se configuraram em verdadeiras tentativas de homicídio. Artefatos bélicos com validade vencida há um ano foram lançados na direção de pessoas desarmadas em pleno exercício de sua cidadania. Antes do desfecho, o delegado falava ao celular. Espera-se que não tenha recebido ordens de "Deus"!

A UFSC, com 54 anos de história e relevantes serviços ao país, sobreviverá – não sem cicatrizes – aos ataques. Sétima melhor no Brasil, figura entre as principais instituições da América Latina.

A reação às forças repressoras não enxovalhou nem envergonhou a universidade como fazem acreditar seus inimigos internos e externos. Ao contrário, provou que a UFSC continua digna do nome e representativa na sua tradição de luta. A sua coragem é motivo de orgulho. O golpe não foi só contra a UFSC. É um golpe contra todas as universidades e instituições democráticas. A presidente Dilma, aliás, deveria tomar uma posição firme e clara a respeito.

Corporativista, a Associação dos Delegados Federais faz defesa incondicional à operação. Não era hora de reconhecer os erros e pedir desculpas às famílias, à universidade e à sociedade? Parece pouco crível, por outro lado, que o

Ministério Público esteja solicitando a aplicação da Lei de Segurança Nacional (LSN), como saiu na imprensa. Monstrego da ditadura, foi usada na Novembro de 1979. A impressão que fica é de que, 50 anos depois do golpe, a democracia continua ameaçada. A "anistia" a torturadores e assassinos cobra o seu preço! Revisar a lei é uma questão de justiça.

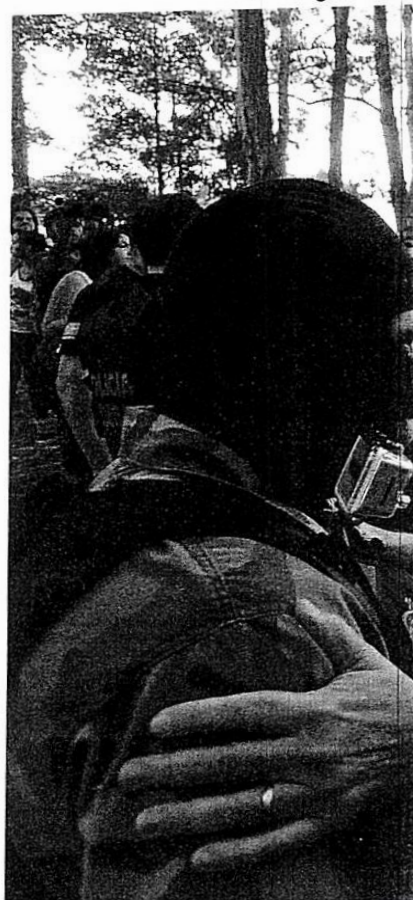
E a PM fez o seu trabalho? Ela não questionou a origem das ordens? E se Hitler ou um fanático estivesse no comando da "operação fiasco"? E não foi armação "abandonar" os carros depois da barbárie? A reação das vítimas da violência não fazia parte do roteiro?

Nem Obama, para matar Bin Laden, produziu tanto estardalhaço!

A perseguição política é uma injustiça que jamais será perdoada. Quem escreveu esta triste página ficará para sempre na história como inimigo da democracia. Ditadura nunca mais! Daqui a 50 anos ainda estaremos tentando "entender" o que aconteceu. Teria sido uma forma singular de lembrar o golpe de 1964? Foi um malsucedido teste para a Copa do Mundo? Uma simples afronta à universidade? Ou mera incompetência? Historiadores, como Paulo Pinheiro Machado – que elucidou a Guerra do Contestado – ajudarão a destrinchar as razões e objetivos do famigerado atentado contra estudantes, professores, trabalhadores, crianças e jornalistas.

Pedir a cabeça da reitora é fazer coro com o delegado e enfraquecer a universidade. A Copa se ganha, olímpicamente, em campo. O mandato vai até 10 de maio de 2016.

* É jornalista, ex-diretor da Agência de Comunicação da UFSC, e membro da Comissão de Ética do Sindicato dos Jornalistas

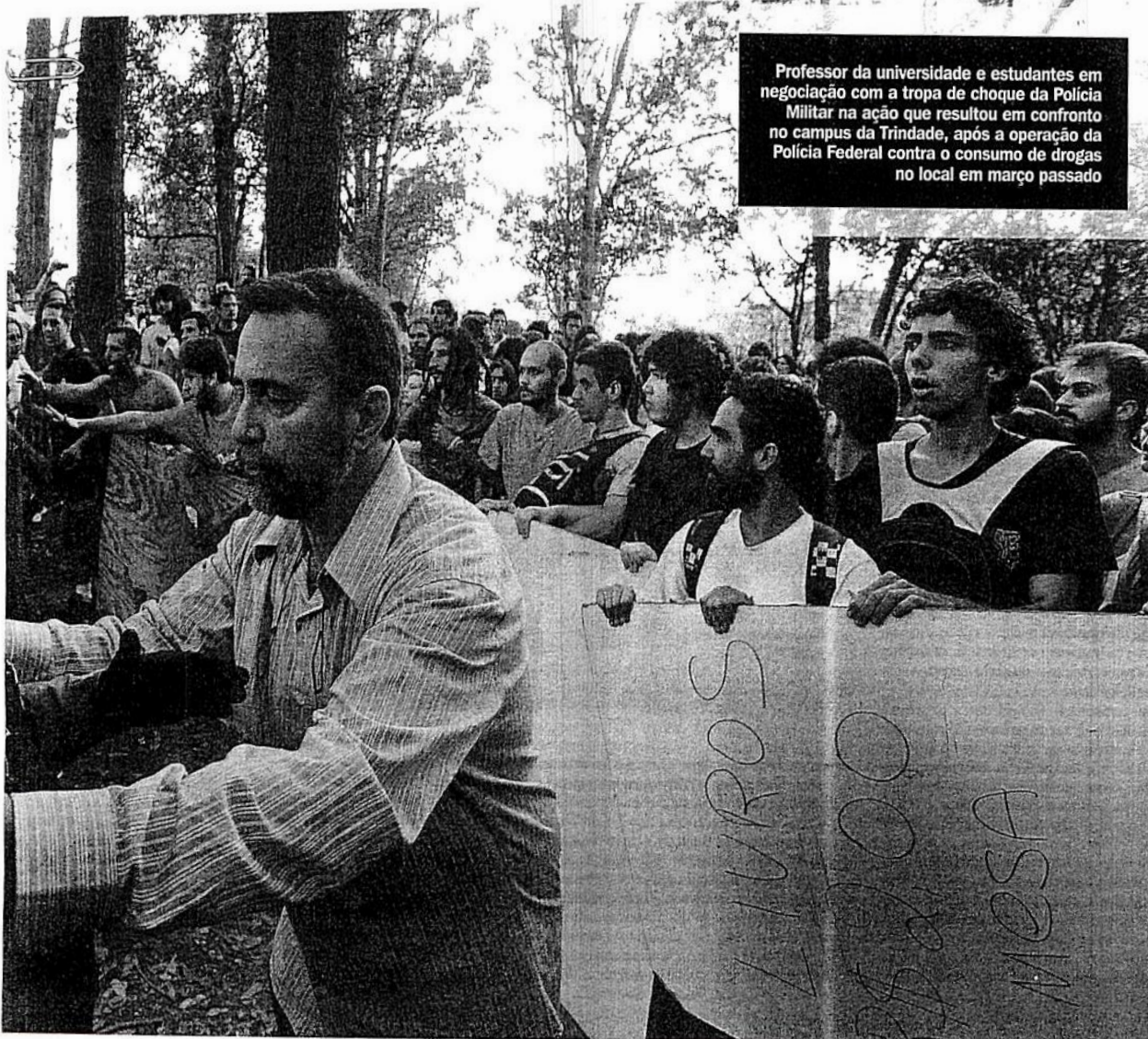


Te rdeada

“

MOACIR LOTH
Jornalista

A reação às forças repressoras não enxovalhou nem envergonhou a universidade como fazem acreditar seus inimigos internos e externos. Ao contrário, provou que a UFSC continua digna do nome e representativa na sua tradição de luta. A sua coragem é motivo de orgulho. O golpe não foi só contra a UFSC. É um golpe contra todas as universidades e instituições democráticas.



Professor da universidade e estudantes em negociação com a tropa de choque da Polícia Militar na ação que resultou em confronto no campus da Trindade, após a operação da Polícia Federal contra o consumo de drogas no local em março passado

Parceria ameaçada: Poluição prejudica botos / Pesquisador / Professor / Universidade do Estado de Santa Catarina / UDESC / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Associação R3 Animal / Doenças nos botos / Fábio Daura Jorge / Doutor em Biologia / Veterinária / Cristiane Kolesnikovas / Secretária do Meio Ambiente de Laguna / Aline Trichês Savi

DIÁRIO CATARINENSE, SÁBADO, 26 DE ABRIL DE 2014

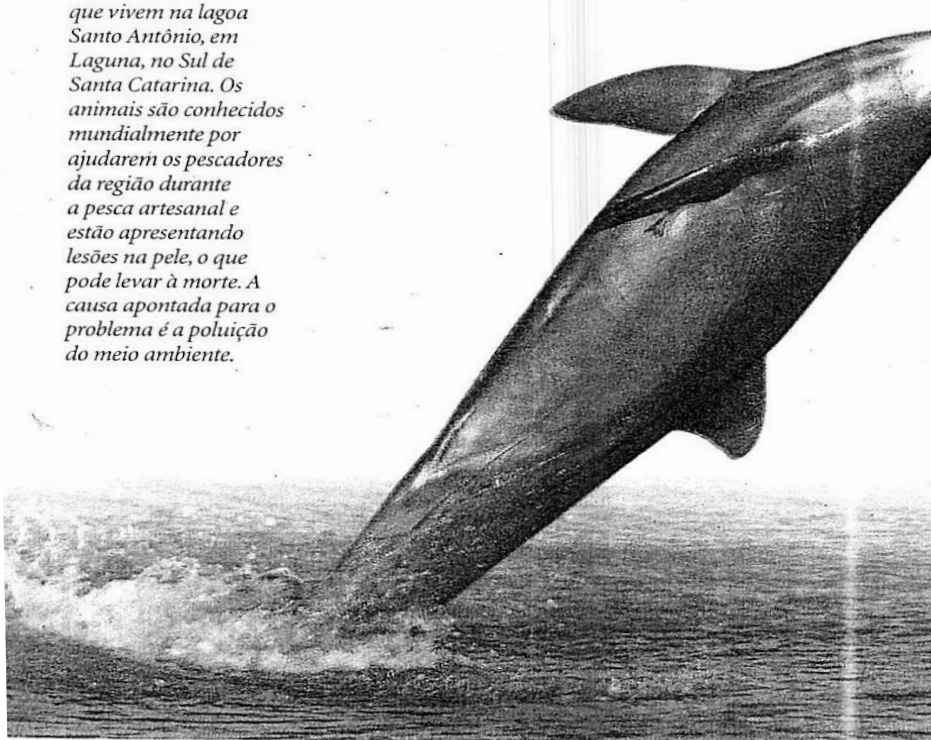
Reportagem Especial

PARCERIA AMEAÇADA

Poluição prejudica

BOTOS

Pesquisadores estão preocupados com a saúde dos botos que vivem na lagoa Santo Antônio, em Laguna, no Sul de Santa Catarina. Os animais são conhecidos mundialmente por ajudarem os pescadores da região durante a pesca artesanal e estão apresentando lesões na pele, o que pode levar à morte. A causa apontada para o problema é a poluição do meio ambiente.



KIARA DOMIT

Laguna

Conhecidos mundialmente pela pesca artesanal de Laguna, no Sul do Estado, os carismáticos botos da região estão ficando doentes em decorrência da poluição. A constatação é dos pesquisadores da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) e da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que monitoram a comunidade de 55 botos-da-tainha que vivem atualmente na lagoa Santo Antônio. Os especialistas que monitoram os animais salientam que o problema não é recente, mas os moradores presenciaram um episódio de comportamento estranho de Prego, um dos botos que auxiliam os pescadores. Por cerca de 35 minutos, o animal saltitou compulsivamente, como se quisesse se livrar de algo ruim.

— A sensação que a gente tinha é a de que ele estava tentando se libertar de alguma coisa, que havia um incômodo por causa dessas lesões. Mas tem vários botos com essas lesões de pele e nunca tinha sido observado esse comportamento — destaca o professor da Udesc Fábio Daura Jorge, doutor em Biologia.

As lesões de pele que podem ter provocado o comportamento estranho de Prego são causadas pela lobomicose, doença gerada pelo fungo *Lacazia loboi*, que ataca cetáceos e também seres humanos. A patologia foi registrada pela primeira vez em Laguna em 1993. Um estudo de 2011 estimava que cerca de 9% dos animais da época estivessem contaminados. O professor acredita que o número tenha aumentado, dado que está apurando em estudo que deve ser finalizado em dois meses.

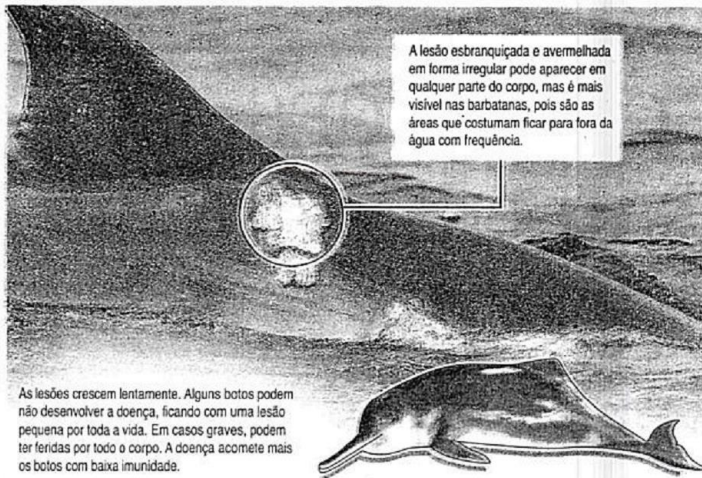
Daura Jorge salienta que o problema não é exclusividade de Laguna, pois ocorre em várias populações de pequenos cetáceos, e que não será resolvido da noite para o dia.

— A gente tem que pensar muito em uma estratégia um pouco mais ecossistêmica, em tratamento da água, o habitat em que os botos estão inseridos. Essa doença vem nos avisar que o ambiente deles não está saudável e merece um pouco mais de atenção.

Conforme o professor Daura Jorge, equipes da UFSC, da Udesc e da Associação R3 Animal estão de olho nos botos de Laguna e concentradas em encontrar uma solução.

— Estamos monitorando. Capturar não é a solução, porque a gente não tem o tratamento. Mas vamos acompanhar, ver se a prevalência está aumentando, enfim, vamos pensar mais no habitat. Essa lesão é um indicador de que o ambiente não está bom. Ainda tem muita coisa a ser descoberta —reflete.

DESENVOLVIMENTO DA DOENÇA É LENTO



As lesões crescem lentamente. Alguns botos podem não desenvolver a doença, ficando com uma lesão pequena por toda a vida. Em casos graves, podem ter feridas por todo o corpo. A doença acomete mais os botos com baixa imunidade.



TRATAMENTO

- ▶ Estudo de 1977 cita um tratamento de sucesso com retirada cirúrgica e medicação por vários meses de um animal de cativeiro com uma lesão pequena, tratamento que é inviável para um animal selvagem.
- ▶ Houve uma tentativa de tratamento no ano passado, no

Japão, mas falhou e resultou na morte de dois botos.

- ▶ Não há relatos de qualquer tipo de tratamento para a doença feito no Brasil.

- ▶ Estudos apontam aumento de casos da doença nos botos do mundo todo, sendo a poluição a principal causa.

Fonte: veterinária Cristiane Kolesnikova, da Associação R3 Animal

População deve colaborar

A lobomiose não é problema só de Laguna. Segundo a veterinária Cristiane Kolesnikova, da Associação R3 Animal, a doença tem aumentado mundialmente, o que provavelmente está relacionado à poluição das águas por rejeitos industriais, agrotóxicos, dejetos domésticos e combustíveis, substâncias que diminuem as defesas naturais dos animais e propiciam o desenvolvimento de doenças. Por isso, não adianta capturar um animal para tratá-lo se toda a população está sujeita à contaminação.

— Tem que tratar a causa, que é a contaminação ambiental. As pessoas que têm o esgoto ligado na barra de Laguna, que jogam lixo, que limpam os motores dos barcos na água estão aumentando a probabilidade de os botos ficarem doentes — alerta.

Embora Laguna careça de levantamento oficial de dados a respeito, o professor Fábio Daura Jorge aponta a

presença de poluição orgânica e poluição química na lagoa.

— De repente o fungo está nos prestando um grande serviço, está sendo um indicador de que o ambiente não está saudável para essa população de botos. Se não está saudável para eles, não está saudável para nós também. Com certeza alguma coisa deve ser feita — alerta o pesquisador.

A secretária do Meio Ambiente de Laguna, Aline Trichês Savi, diz ter dificuldades para colocar em prática projetos por ainda não ter conhecimento de um método eficaz de limpeza para a área. No entanto, pretende conscientizar as pessoas sobre a poluição.

— Queremos que as famílias liguem as casas à rede coletora de esgoto da Casan e não joguem lixo na lagoa.

A expectativa de Aline é colocar o projeto em prática no início de maio com palestras em escolas, empresas e comunidades.



* Tanto faz chamar de golfinho ou boto. Não há diferença científica. Podem ser chamados ainda de botos-da-tainha e golfinhos-nariz-de-garrafa, que são os nomes populares.

* A pesca cooperativa funciona assim: os pescadores preparam as tarrafas (rede circular com uns três metros de diâmetro) e ficam na beira da lagoa, com ou sem canoa. Os botos começam a cercar os peixes, especialmente as tainhas, que fogem na direção dos pescadores. Os que escapam viram lanche dos botos.

* Dos 55 botos que vivem na lagoa de Laguna, 12 ajudam na pesca. Os pescadores conhecem os botos pelas marcas nas barbatanas e dão nomes para cada um deles.

* Quando os pescadores não aparecem, os bichinhos ficam agitados.

ENTREVISTA

Fábio Daura Jorge

Doutor em Biologia, professor e pesquisador

“A doença é um indicador da qualidade da água”

Professor da Udesc, Daura Jorge explica que o comportamento dos botos que vivem na lagoa Santo Antônio, de Laguna, precisa ser monitorado e que há indícios que apontam para o aumento da doença entre os animais.

Diário Catarinense — Qual é o número de botos contaminados pela doença?

Fábio Daura Jorge — Essa informação depende de uma coleta de dados que a gente fez ao longo de 2013. Ainda estamos mapeando para fazer uma estimativa.

Provavelmente daqui à um ou dois meses, no final desse estudo, comprovaremos a prevalência dessa lesão. Uma coisa é fato: para outras populações de pequenos cetáceos, como o boto-da-tainha, que ocorrem aqui no Sul do Brasil, está sendo cada vez mais recorrente o registro dessas lesões.

DC — A lesão leva à morte?

Daura Jorge — A lesão em si provavelmente não leva à morte. O que leva à morte é o fato de os indivíduos com essa lesão estarem com o sistema imunológico deprimido e provavelmente acabarem desenvolvendo outros tipos de doença.

DC — Algum boto desse grupo morreu em função da doença?

Daura Jorge — A gente já recuperou botos mortos com lobomiose, mas a provável causa da morte era encahlamento de rede, e não a lobomiose. Teve um registro, em 2011, que a gente acompanhou durante 15 meses o desenvolvimento da doença em um

boto. Mas, quando a doença já estava em um estágio bastante avançado, ele desapareceu. A gente não sabe se veio a morrer mesmo ou se acabou abandonando a área ou morreu por alguma outra coisa que desconhecemos.

DC — O que diz a literatura sobre a possibilidade de a lobomiose causar a morte de um boto?

Daura Jorge — Diz que é baixa e que é uma doença que pode ficar incubada por muito tempo, mas dificilmente levar à morte. O que preocupa é que alguns indivíduos aqui de Laguna e de outras regiões do Sul do Brasil têm apresentado um desenvolvimento rápido da doença, o que de repente pode, sim, levar à morte.

DC — O que pode ser feito pelos botos?

Daura Jorge — Monitorar. Está sendo planejada captura para os próximos quatro, cinco anos, mas isso exige treinamento. É arriscado pensar na captura de um boto para tratamento, até porque a lobomiose não tem tratamento. Tem que monitorar. A doença certamente é um indicador da qualidade da água.

DC — O comportamento deles pode ser afetado?

Daura Jorge — Eu não garanto que a doença muda o comportamento, mas a maioria dos que vivem em Laguna e que estão com lesão são botos que não cooperam, que não interagem com o pescador. Alguns têm lesão e pescam.